

SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA



# BOLETIM

UMA PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DA SBHP

VOLUME 1 NÚMERO 1

AGOSTO DE 2018

# SUMÁRIO

## EDITORIAL

- APRESENTAÇÃO DO BOLETIM** 1  
Arthur Arruda Leal Ferreira

## ARTIGOS

- HISTORIOGRAFIA DA PSICOLOGIA E O TESTE DE INTELIGÊNCIA NAS MÃOS DE UM MESTRE** 3  
Annette Mülberger
- DUAS PALAVRAS SOBRE DIGITALIZAÇÃO ARQUIVÍSTICA E UM CONVITE** 10  
Hugo Leonardo Rocha Silva da Rosa  
André Elias Morelli Ribeiro
- FIFTY YEARS OF CHEIRON: THE INTERNATIONAL SOCIETY FOR THE HISTORY OF BEHAVIORAL AND SOCIAL SCIENCES** 16  
David K. Robinson

## RELATOS

- RELATO DE UM GRUPO DE PESQUISA QUE TRABALHA COM A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA** 21  
Paulo Coelho Castelo Branco
- I CONGRESSO DE PSICOLOGIA BRASILEIRA: UMA VIAGEM À PARNAÍBA (PI)** 24  
Hugo Leonardo Rocha Silva da Rosa
- HISTÓRIA DA PSICOLOGIA, DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA E DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM FOCO NO 36º ENCONTRO HELENA ANTIPOFF** 28  
Rodolfo Luís Leite Batista
- XXXI SIMPÓSIO DA SEHP (OU SMALL IS BEAUTIFUL)** 32  
Arthur Arruda Leal Ferreira

## ENTREVISTA

- UM ENCONTRO COM HELIANA DE BARROS CONDE RODRIGUES** 35  
Entrevistador: Hugo Leonardo Rocha Silva da Rosa

## DIVULGAÇÃO

- DISSERTAÇÕES E TESES (2017)** 41

Ago 2018

---

## APRESENTAÇÃO

ARTHUR ARRUDA LEAL FERREIRA

Estimados leitores que se aventuram pelo nosso primeiro Boletim,

Antes de tudo as boas vindas; estamos em igualdade de condições neste momento primeiro, numa espécie de aventura aberta. Você a investir o nosso tão exíguo tempo por estas linhas e nós nos arriscando neste salto de formato. Mas, antes de tudo, o que significa passagem de Newsletter para Boletim? A atração de sua atenção por mudança de formato? Uma autopromoção de categoria ou pedigree? Talvez... mas sem dúvida o que se colocou como mais forte para nós foi a possibilidade de abrir espaço para outros modos de escrita entre os comunicados mais breves de uma newsletter e os textos mais cobiçados de artigos capítulos e livros (que constantemente somos instados a nos formatar). Sim, outras escritas são possíveis e boletins de sociedades internacionais e nacionais nos mostram isto. Seguindo estas experiências (boletins da SEHP, SBHC, EASST e outros) vemos um lugar de escrita que não pertence ao padrão e valor contábil de artigos ou capítulos, mas que não é informativo e sim reflexivo. Entender que a escrita rigorosa se confunde com os tipos atualmente valorizados é como confundir poesia com soneto ou versos alexandrinos.

Parnasianismos a parte, é essa tradição que esperamos abrir com a figura do Boletim: textos reflexivos e críticos que não passem pelo formato e ritual de artigos e livros. Assim o convite num sentido mais democrático é que todos, não apenas sigam com esta leitura, mas partilhem conosco, resenhas, relatos de congressos, descrições de seus grupos de pesquisa (e de seus resultados), de questões atinentes ao nosso trabalho como pesquisadores ou professores de psicologia, às nossas instituições e sociedades temáticas, além de temas de reflexão sobre nossa atualidade (sim, seguimos navegando numa história mais complexa e cheia de turbulências).

Com esta escolha, estamos reservando o site da SBHP e a nossa página no Facebook para comunicações mais imediatas (congresso, encontros, concursos e lançamentos de livro ou defesas de tese). E por fim, convidamos a que sigam pelas entrevistas, apresentação grupos de pesquisadores, congressos, relatos de pesquisa e discussões de temas atuais. Espero que esta pequena e inicial reunião de trabalhos te incentive a seguir conosco pelos próximos números. E que principalmente nos ajude a proliferá-los por meio da sua escrita.

Boa viagem,

Arthur

(Ano 444 do primeiro manifesto antropofágico testemunhado pelo Bispo Sardinha)

Ago 2018

---

HISTORIOGRAFIA DA PSICOLOGIA E O TESTE DE  
INTELIGÊNCIA NAS MÃOS DE UM MESTRE

ANNETTE MÜLBERGER

## 1. INTRODUÇÃO

Hoje temos uma vasta bibliografia sobre Binet e a história dos testes de inteligência. O esforço para localizar a origem e acompanhar o desenvolvimento histórico dos testes mentais está relacionado com o papel crucial que o teste adquiriu como principal instrumento de intervenção do psicólogo na sociedade moderna. Muito rapidamente o teste se tornou uma ferramenta, muito usada por alguns e vista com desconfiança e criticada por outros. Na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, essa história está inserida na famosa controvérsia entre o inatismo e o ambientalismo, que está fartamente documentada. Sendo assim, por que escrever mais sobre esse assunto? Abaixo tentarei mostrar que precisamos de contribuições para reinterpretar esse episódio crucial na história da psicologia a partir de outros pontos de vista bem como utilizando diferentes textos locais. Apresentarei a seguir, um breve comentário historiográfico para expor, posteriormente, uma das investigações realizadas recentemente.

## 2. HISTORIOGRAFIA RECENTE

No debate dos anos 1970, Kamin (1974a, 1974b) denunciou a discriminação que envolve o uso de testes de inteligência e criticou os psicólogos inatistas, promotores dos testes, por colocar o trabalho científico a serviço de um tipo de ideologia. política Ele exigiu, portanto, neutralidade para a ciência, acreditando na existência de fatos empíricos objetivos. Samelson (1975), ao contrário, o criticou como ingênuo, pois entendia por óbvio que os cientistas sempre trabalham guiados por uma intenção político-social, seja explícita, seja implícita.

O debate é um bom exemplo do tipo de controvérsia que se desdobrou na segunda metade do século XX. Com o passar do tempo, mais e mais sociólogos e historiadores da ciência viam o trabalho científico como uma construção do conhecimento, baseada em convenções sociais e relações de poder.

Seguindo esta linha de interpretação, e sob a influência de Foucault, um sociólogo da ciência, Nikolas Rose, começou a investigar o estabelecimento de "regimes de verdade" (regime of truth) através das medição mentais (Rose, 1979). Ele tentou determinar a formação do complexo psicológico (Rose, 1985). Rose considera o teste de inteligência como uma técnica de gerenciamento dos corpos que forneceu à psicologia sua primeira experiência como ciência com poder social. Em uma publicação posterior, Rose (1998) examinou com mais detalhes o papel desempenhado pelas técnicas psicológicas no controle das mentes e na classificação e

gerenciamento das diferenças individuais. Embora proposta tenha aspirações históricas, o resultado é mais uma interpretação filosófico-sociológica. Denuncia a ciência por ser uma base para um poder exercido pela administração do Estado, para limitar cada vez mais a liberdade individual dos cidadãos e oprimir toda a expressão de outras formas de existência (anormais).

Alguns anos mais tarde, o paleontólogo e historiador Stephen J. Gould (1981) denunciou, mais uma vez, a política educacional e social baseada na medição do QI por gerar e aumentar a injustiça social. Sua história foi muito bem recebida por um público amplo, por seu posicionamento político e pela divisão, um tanto grosseira, dos atores históricos em heróis e anti-heróis. Entretanto, historiadores como Sokal (1987) e Zenderland (1998) criticaram justamente este trabalho por sua falta de vocação histórica (contextualização), por suas simplificações e, sobretudo, por ignorarem os trabalhos anteriores de historiadores da psicologia. que já havia denunciado a agenda política da medida psicológica realizada por psicólogos norte-americanos.

Um livro mais recente, escrito pelo historiador John Carson (2007), realizou um amplo estudo, situando a história da medição da inteligência no contexto político e educacional francês e norte-americano da época. Apesar do espírito democrático, alguns grupos sociais estavam interessados em manter uma diferenciação. Mas, no novo contexto político, essa diferenciação deve ser justificada e legitimada de maneira compatível com o novo espírito republicano que celebrava a igualdade e a soberania dos cidadãos. Desta forma, o livro conta como as duas jovens repúblicas viram nas ciências (especificamente na tecnologia psicológica dos testes) uma nova maneira de interpretar e administrar a desigualdade social (Carson, 2007).

Com pesquisas como a de Carson, a historiografia deixou para trás histórias sobre um avanço supostamente racional da ciência, impulsionado pelo gênio criativo de alguns homens. Nenhum historiador da ciência hoje contemplaria seu objeto de estudo como se estivesse localizado além do quadro das dinâmicas ideológicas e sociais, das políticas de poder e das negociações discursivas. Vimos que precisamente no campo da história dos testes psicológicos já se tinha denunciado há várias décadas (mesmo antes dos trabalhos de Foucault como o "Vigiar e punir"), o uso do teste como um produto de uma ciência a serviço de uma política de discriminação e opressão social.

Quando Carson ineriu a história dos testes mentais no contexto da república (francês e norte-americano), surgiu a questão: o que aconteceu em outros lugares? O que aconteceu em outras "repúblicas" ou ditaduras mais ou menos democráticas e meritocráticas? Essas questões

levaram a várias publicações que mostram como a disseminação de testes ocorreu em lugares como Itália, Brasil, Espanha e União Soviética (ver, por exemplo, *History of Psychology*, vol.17, 3, 2014). Estudos sobre medidas psicológicas também foram realizados em países da América Latina, Índia, países asiáticos e outros (uma recente tese de Júnior, C. R., 2016 serve como exemplo). A seguir, resumirei um dos trabalhos realizados nessa linha (Müllerger, Balltandre & Graus, 2014).

### 3. UM MESTRE MEDINDO A INTELIGÊNCIA EM BARCELONA

Em Barcelona, o Instituto de Orientación Profesional (dirigido por Emilio Mira y López) foi o lugar onde todos os tipos de medidas antropológicas, exames psicotécnicos e testes psicológicos foram realizados. No entanto, a medição da inteligência ainda precisava ser aplicada de forma mais sistemática nas escolas públicas. Esta necessidade foi reconhecida por um mestre pouco conhecido atualmente, chamado Llorenç Cabós. Sabemos que tinha se formado e colaborou com o círculo pedagógico anarquista de Ferrer. Cabós descreveu que estava possuído pelo impulso de experimento, de onde tomou o "perigoso" caminho da prática psicométrica (Cabós, 1920). Ele se referia a que? Para que medir a inteligência de seus alunos?

Durante o ano letivo de 1920-1921, ele realizou uma aplicação aparentemente autodidata do teste de Yerkes, Bridges e Hardwick para 100 estudantes (com idade entre 7 e 14 anos) de sua escola (Cabós, 1920). Ao cabo das medições, ele poderia imediatamente anunciar sua impressão positiva de que, em geral, os filhos de Barcelona parecem bastante inteligentes (Cabós, 1922). Depois de examinar 100 crianças de diferentes idades, ele pôde mostrar com a ajuda de uma tabela a superioridade intelectual da população infantil local (ver tabela 1).



				Yerkes-Bridges	Nosotros
5	años, puntos...	...	...	22	31
6	»	»	...	29	35
7	»	»	...	34	41
8	»	»	...	39	50
9	»	»	...	52	55
10	»	»	...	59	61
11	»	»	...	64	69
12	»	»	...	64	73
13	»	»	...	74	74
14	»	»	...	78	78,5

Tabela 1. Resultados de Cabós (média de pontuação por idade para uma amostra de 100 crianças em uma escola) comparados com Yerkes, Bridges e Hardwick (1915) (ver Cabós, 1920, p. 44).

Analisando seus resultados, ele descobriu que 62% das crianças estavam avançadas em relação à idade e 33% das crianças levemente “atrasadas”. Apenas em 5% dos casos de Cabós os escores obtidos corresponderam aos pontos obtidos pelas crianças norte-americanas da mesma idade.

Cabós informou que a aplicação da escala métrica de inteligência era realmente evidente e fácil; uma observação que certamente incitou outros professores a seguirem seu exemplo. Seu primeiro objetivo era introduzir a metodologia científica moderna na prática educacional diária para melhorar sua profissão. Para Cabós, a aplicação de um teste mental significava realizar um experimento psicológico. Seu caso exemplifica como alguns professores se aproveitaram do fato de que as crianças e os testes estavam ambos à sua irrestrita disposição e tentaram obter autoridade profissional e perícia científica, aplicando eles mesmos testes mentais.

Seu segundo objetivo era oferecer dados estatísticos na tentativa de tornar difundir o nível intelectual das crianças espanholas. Expressões como as seguintes: "Os fatos dizem mais que palavras" (Cabós, 1920, p. 44) mostram sua preferência por informações quantitativas e o valor que ele atribuía aos números em si. Mas qual foi o uso de tais números? Cabós pensou em três tipos de usos. O primeiro seria um uso interno e imediato, adaptando sua prática educacional às mentes, já devidamente medidas, de seus alunos. Em segundo lugar, Cabós esperava que seus números fossem bem vistos, de modo que o uso da psicologia e à pedologia

como informações empíricas sobre a mente infantil fossem mais usados no contexto local. Em terceiro lugar, os comentários anotados em sua tabela indicam uma espécie de competição nacional e internacional. Ele examinou a “qualidade psicológica” do grupo local de estudantes em relação a crianças estrangeiras (neste caso as crianças usadas por Yerkes, Bridges e Hardwick), de demonstrar o excelente desempenho de sua amostra, coisa que achava muito gratificante. Quem teria esperado esses resultados, sabendo que as aplicações anteriores de testes de inteligência haviam evidenciado um desempenho inferior das crianças espanholas; e que as crianças das escolas públicas eram das classes sociais mais baixas? Ele agora podia demonstrar cientificamente o “valor psicológico” da mente da classe trabalhadora e a excelente educação que recebiam em uma escola pública que lhes permitia se preparar para a luta de classes na sociedade contemporânea precisamente por um treinamento baseado em testes de inteligência.

#### 4. COMENTÁRIO FINAL

Na seção anterior, resumimos apenas um trabalho para mostrar o potencial de um estudo de caso. Ele permite investigar em profundidade as circunstâncias, os motivos e as conseqüências sociais que cercam o uso de testes psicológicos. São obras que podem nos fornecer dados surpreendentes que nos levam além do debate do inatismo-ambientalismo e da denúncia do uso de testes para propósitos eugênicos.

No contexto de Barcelona na década de 1920, um professor de um ambiente pedagógico anarquista e muito comprometido com sua tarefa de preparar crianças trabalhadoras para a luta de classes, considera o teste de inteligência como uma ferramenta eficaz para reivindicar o mérito psicológico do mente proletária, bem como treinar seus alunos. É um uso totalmente diferente (parece até contrário!) de outros usos da mesma época. Obviamente, um caso não é representativo de todas as atividades e iniciativas que ocorreram na Espanha em relação à mensuração mental. Mas é significativo, porque nos diz que o teste nas mãos dos professores adquire outro significado. É hora de levar em conta o grupo profissional de pedagogos e professores que é frequentemente ignorado na historiografia da história da psicologia, porque eles não são considerados "cientistas".

## REFERÊNCIAS

- Cabós, L. (1920). Un curso de psicometría práctica en una escuela nacional de Barcelona, p. 39-44. Inspección médico-escolar de Barcelona. Barcelona: Tip. La Academia de Serra y Rusell
- Cabós, L. (1922). Un ensayo de medición intelectual infantil, *Revista de Pedagogía*, 1, 3, 90-94
- Carson, John (2007). *The Measure of Merit: Talents, Intelligence, and Inequality in the French and American Republics*. Princeton University.
- Gould, S. (1981). *La falsa medida del hombre*. U.S.: Norton
- Júnior, César Rota (2016). Tesis doctoral: *Recepção e circulação de testes de inteligência na escola de aperfeiçoamento de professores de Belo Horizonte (1929-1946)*. Universidade Federal de Minas Gerais
- Kamin, Leon (1974a). *Ciencia y política del cociente intelectual*, Madrid: Siglo XXI, 1983.
- Kamin, Leon (1974b). The Science and Politics of I.Q., *Journal of Social Research* 41,3, 387-425.
- Mülberger, A.; Balltandre, M. & Graus, A. (2014). Aims of teachers' psychometry: Intelligence testing in Barcelona (1920). *History of Psychology*, 17, 3, 206-222.
- Rose, N. (1979). The psychological complex: mental measurement and social administration. *Ideology and consciousness*, 5, 5-68.
- Rose, N. (1985). *The psychological complex: Psychology, politics, and society in England, 1869-1939*. Routledge & Kegan Paul.
- Rose, N. (1998). *Inventing ourselves: psychology, power, and personhood*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Samelson, F. (1975). On the Science and Politics of the IQ. *Social Research*, 42, 3, 467-488.
- Sokal, M. (1987). *Psychological testing and American Society (1890-1930)*. New Brunswick: Rutgers University.
- Zenderland, L. (1998). *Measuring minds: Henry Herbert Goddard and the origins of American intelligence testing*. Cambridge: Cambridge University Press.

Ago 2018

---

**DUAS PALAVRAS SOBRE DIGITALIZAÇÃO ARQUIVÍSTICA E UM  
CONVITE**

HUGO LEONARDO ROCHA SILVA DA ROSA

ANDRÉ ELIAS MORELLI RIBEIRO

Qual historiador, perguntou Marc Bloch no seu clássico *Apologia da História*, não sonhou poder, como Ulisses, alimentar as sombras com sangue para interrogá-las? Não havendo ainda tecnologia suficiente para bisbilhotar as experiências produzidas no tempo, de preferência sem ser notado, ele se vê obrigado a trabalhar com vestígios. O passado é despótico: fornece ao historiador apenas algumas pistas. Essas pistas ou vestígios podem sobreviver na forma de relatos ou objetos por nós produzidos em algum momento no tempo, capazes de impressionar os nossos sentidos, despertar curiosidade e encantar a inteligência. O fenômeno por si mesmo, no entanto, é impossível de captar e a liberdade do historiador está limitada aos sinais que lhe são apresentados. Um sorrateiro passo além e o historiador produz ficção, aceitar para si esse veto e confessar qualquer soberba é produzir ficção científica.

As fontes escritas com as quais construímos as nossas pesquisas são elas mesmas um produto de importantes transformações históricas. Como nos narra Lucien Febvre e Henri-Jean Martin sobre o aparecimento do livro impresso, foi no final da Idade Média que o papel surge na Europa ocidental, sendo os chineses e os árabes personagens fundamentais nessa história, tanto na invenção quanto na difusão por meio do comércio. A invenção da prensa tipográfica data desse momento também. A crescente aceitação do papel e o aumento de sua demanda levaram a uma expansão das papelarias entre os séculos XIV e XVII, acompanhada de transformações técnicas importantes para a sua produção. O aumento da instrução e, portanto, do número de leitores, a demanda das universidades por um aumento do número de manuscritos, o aperfeiçoamento das relações comerciais e a criação de ofícios que passaram a depender da indústria do papel certamente foram fatores determinantes para a multiplicação de textos nos últimos seis séculos. Uma tipografia em escala industrial propriamente dita, contudo, é uma história ainda mais recente devido ao aperfeiçoamento da indústria a partir do século XVIII.

Se o papel e a tipografia podem ser considerados condições necessárias para o surgimento do livro, portanto uma revolução na história do texto, por outro lado é no século XX que duas outras transformações irão ocorrer: a informática e a internet. Com a informática, as fontes do historiador transformam-se em tabelas, estatísticas, uma massa de informações que constituem bancos de dados e que transformaram os modos de produzir narrativas nas últimas décadas. Essa revolução documental, como apontou Jacques Le Goff em seu ensaio *História*, possibilitou a história quantitativa em diferentes ramos da história, desde a econômica até a cultural.

Por outro lado, a revolução da informática na história foi complementada com o advento da internet nas últimas duas décadas. O compartilhamento de informações sem os inconvenientes das limitações geográficas representou um avanço importante na comunicação, tendo consequências sobre a produção científica. Se já com a informática podemos transformar um texto físico em unidades de dados binários, a internet possibilitou compartilhar esses dados em poucos segundos com outras pessoas. Com o auxílio de ferramentas apropriadas para digitalização – isto é, conversão de arquivos físicos em formato digital a ser armazenado em disco rígido ou servidor virtual – e a internet, é possível democratizar o acesso às fontes primárias. Antes o pesquisador enfrentava o inconveniente do deslocamento às instituições que organizam e gerem arquivos, mas na história recente já há tecnologia que o poupe destes esforços.

A digitalização e o compartilhamento via internet de fontes primárias possibilitam também a preservação de um material que está sujeito à deterioração pelo tempo. O avanço da técnica vem a colaborar com iniciativas públicas no que diz respeito ao acesso à informação. No Brasil, o esforço público para preservação das fontes está previsto na Constituição de 1988, em seu artigo 5º, inciso XXXIII, onde se prevê o direito do cidadão de receber informações de interesse público ou particular. O cumprimento deste preceito constitucional motivou, entre outras, a criação da Lei 8.159/1991, conhecida como Lei de Arquivos, que disciplinou os conceitos, os direitos e os deveres na área arquivística, além de ter criado o Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ).

O Brasil é um país de dimensões continentais, então há aqui uma barreira geográfica que já prejudica o historiador brasileiro na proporção da distância em que reside em relação à região sudeste. Um aluno de pós-graduação, por exemplo, muitas vezes não conta com recursos suficientes para o deslocamento e estadia durante o período necessário para o levantamento, organização e leitura dos materiais que interessam para sua pesquisa, sobretudo em tempos de arrocho nas verbas de pesquisa. Ainda que consiga deslocar-se, diante das dificuldades é muito comum o pesquisador tomar suas próprias anotações ou fotografar, quando lhe é permitido, com seus próprios celulares e câmeras fotográficas, as páginas de interesse para a pesquisa, um procedimento no geral inadequado.

Outra dificuldade frequente está na falta de organização dos patrimônios. As décadas de falta de investimento na área resultaram em poucos acervos bem organizados, a despeito dos esforços de bibliotecários, profissionais de biblioteconomia, arquivistas e outros. Ademais, ainda existem fontes cuja existência é ignorada pela comunidade científica por não estarem

devidamente catalogadas ou por estarem inseridas de forma equivocada nos diferentes índices de pesquisa.

Neste sentido, a digitalização de acervos é uma das saídas para o trabalho de disponibilização e organização das fontes, de modo que os cursos e profissionais em biblioteconomia tem se esforçado para contemplar esta modalidade de conservação e divulgação. Um arquivo digitalizado e publicizado permite a aproximação e colaboração dos pesquisadores por todo o país, facilita a organização das informações e elimina os “feudos” de pesquisa. Trata-se de um movimento de democratização do conhecimento que tem o potencial de multiplicar o interesse nos acervos, bem como a quantidade e a qualidade de pesquisas na área.

No Brasil, desde a década passada há importantes avanços nesse sentido. A Biblioteca Nacional e o Arquivo Nacional são dois exemplos de instituições de peso para a conservação da memória brasileira. A Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e o Acervo Judiciário do Arquivo Nacional representam esforços das respectivas instituições em ampliar o acesso a todos os interessados na farta documentação ali disponível. As revistas, jornais, boletins, anuários e documentos dos mais diversos estão disponibilizados e podem ser acessados por qualquer pesquisador em qualquer parte do mundo, bastando ter acesso a um aparelho conectado à internet.

Por outro lado, as sociedades de história da ciência pouco têm avançado na democratização de acervos de interesse aos historiadores da ciência. É claro que há exceções, como por exemplo os esforços desempenhados pela Casa de Oswaldo Cruz na digitalização de obras raras de sua Biblioteca de História das Ciências da Saúde.

Fora do país, muitas instituições, bibliotecas universitárias e projetos independentes ao redor do mundo também disponibilizam parte de seus acervos em suas respectivas páginas. As instituições são muitas, mas seria possível mencionar a U.S National Library of Medicine, Cornell University Library, Medical Heritage Library, Gumberg Library (Duquesne University), JSTOR, Project Gutenberg e tantos outros que possuem acervos de alta relevância para a história da psicologia e das ciências de um modo geral. Outras iniciativas também poderiam ser mencionadas, como a Natural and Physical Sciences, do Smithsonian Museum e o Linus Pauling Online, esforços da Oregon State University para disponibilizar documentos do químico. Na psicologia mais especificamente, poderíamos destacar a York University, no Canadá, que está digitalizando clássicos da psicologia sob a coordenação do prof. Christopher D. Green.



Mas a digitalização não vem sem seus próprios desafios. Eles estão centrados na obtenção e manipulação dos instrumentos tecnológicos necessários para a digitalização, no empenho de pessoal treinado e qualificado para execução dos trabalhos, nos recursos técnicos digitais para disponibilização do material e nas verbas necessárias para a implementação dos projetos. Alguns esforços já existem para vencer tais barreiras. Um dos exemplos é o Laboratório de Digitalização da Biblioteca Nacional, que conta com equipamentos modernos e pessoal treinado no manuseio dos instrumentos. Outro é o laboratório do CEDAP, Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa – localizado na UNESP de Assis e que conta também com equipamentos próprios para digitalização e funcionários devidamente treinados para o procedimento.

Um esforço concreto de diferentes instituições na implementação de mecanismos que permitam a preservação digital são os repositórios. Hoje existem cerca de 40 repositórios institucionais no Brasil, conforme dados da Rede Cariniana, a Rede Brasileira de Serviços de Preservação Digital, dirigido pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), que também mantém uma lista completa de Repositórios Institucionais (RI) brasileiros em seu site. Por sua vez, um RI é um serviço digital de informação científica, que se dedica ao registro, armazenamento, organização, preservação, recuperação e disseminação de produção científica, visando potencializar a visibilidade. A maior parte dos repositórios brasileiros usa o sistema DSpace, um software livre que proporciona a plataforma de depósito de documentos digitais. Se integram aos repositórios os Acervos Digitais. Contudo, apesar das políticas gerais, cada repositório possui suas próprias políticas e características.

Na última reunião da Sociedade Brasileira de História da Psicologia, realizada em Belo Horizonte, apresentamos um projeto para que pudéssemos reunir esforços nesse sentido entre os associados. Muitos dos associados da SBHP são gestores de acervos ou realizam pesquisas diretamente em instituições que administram documentação importante para a historiografia da psicologia. Acreditamos que sem um trabalho coletivo não haverá avanços significativos na ampliação do acesso a fontes primárias por meio da digitalização.

Em certo sentido, essa articulação é um desafio ainda maior do que angariar fundos para compra de equipamento e contratação de pessoal, por dois motivos: primeiro, documento é como um dado de pesquisa para o pesquisador. Manter a proximidade física com os dados e o controle de quem acessa é um meio de garantir a própria posição na linha de frente das publicações que envolvem o uso de uma determinada documentação. O segundo motivo é que na prática os gestores de arquivos são passagem obrigatória para se ter acesso ao material. É



necessário conversar, justificar-se e pedir autorização. Isso tem sua função na preservação e segurança dos arquivos, mas ao mesmo tempo cria uma assimetria de privilégios no acesso. Nesse sentido, digitalizar e disponibilizar na internet pode alterar a posição das peças no jogo da ciência. Resumindo, mexe com interesses.

O estudo, a pesquisa e o interesse de um modo geral pela história da psicologia aumentou nas duas últimas décadas. Basta verificar o número de publicações e a realização de encontros para perceber que ela cresceu no Brasil. Não apenas cresceu como também se organizou: a existência de uma sociedade é uma evidência importante da estruturação da área no país. Contudo, ainda há alguns avanços a serem feitos e finalizamos o texto convidando os historiadores da psicologia não apenas para uma reflexão sobre a relevância na construção de bases de dados digitais para fontes primárias, mas também que se articulem com a SBHP para que algumas ações já possam ser iniciadas coletivamente no curto e médio prazos. Que a comunidade se sensibilize com a dificuldade geral no acesso aos acervos físicos e atente para o fato de que já existem recursos técnicos que permitem vencer as barreiras aqui mencionadas. Certamente o trabalho de conversão em dados binários e hospedagem na internet de documentação arquivística traria muitos benefícios para a área, mas também seria um importante exemplo de compromisso público dos historiadores da psicologia à comunidade de historiadores da ciência no Brasil.

Ago 2018

---

**FIFTY YEARS OF CHEIRON: THE INTERNATIONAL SOCIETY FOR  
THE HISTORY OF BEHAVIORAL AND SOCIAL SCIENCES**

DAVID K. ROBINSON

June 21-24, 2018, marks the 50<sup>th</sup> meeting of Cheiron, held at the University of Akron, Akron, Ohio, the home of the Cummings Center for the History of Psychology (an affiliate of the Smithsonian Institution), which contains the National Museum of Psychology and the Archives of the History of American Psychology. The collection of books, archives, and museum artifacts was begun in 1965 by University of Akron psychologists John A. Popplestone and Marion White McPherson. So, in a sense, Cheiron developed partly out of their project, which began just a few years before the first Cheiron meeting.

The true founding of Cheiron was not in Akron, however, but at University of New Hampshire. There in June-July 1968, Robert I. Watson and Joseph Brozek (Lehigh University) led a six-week Summer Institute on Teaching History of Psychology, funded by the National Science Foundation. It was an omen that they sent a telegram of appreciation to Edwin G. Boring, the famous historian of psychology at Harvard, and then learned that he passed away during the time of their institute. The 30 participants, a mix of graduate students and established scholars, vowed to continue meeting after the institute was over. Julian Jaynes (Princeton University) arranged for the first such meeting in New York City (May, 1969), and he championed the notion that their work would have to be interdisciplinary, by no means limited to psychology. Brozek likewise insisted on the international scope of their endeavor. The new organization, The International Society for the History of Behavioral and Social Sciences, needed a handier moniker, so they took the name Cheiron at their second annual meeting in Akron, 1970. (In Greek mythology, Cheiron was the wise centaur who taught Achilles, Asclepius, and other Greek heroes.)

The program of the annual Cheiron meeting always includes papers, posters, and symposia on many aspects of the history of the human, behavioral, and social sciences, also on related historiographical and methodological issues. These small annual meetings, ranging from 50 to occasionally more than 100 attendees, make up with intensity whatever they might lack in size. During breaks and meals, projects are planned, historiographic revolutions are plotted, and graduate students are advised and encouraged in their dissertation research; the extraordinary mix of disciplinary and national traditions has been very productive.

One product was a sister organization: Cheiron-Europe, which first met in Amsterdam in September, 1982. In 1996 this group changed its name to ESHHS: European Society for the History of the Human Sciences; however, the change in name did nothing to diminish cooperation and mutual support. In fact, since 2007 the two organizations have held

joint meetings together every four or five years. Cheiron and ESHHS now coordinate with colleagues in many national organizations, from East Asia to South America, everyone doing whatever they can to support mutual interests and collaborative projects.

The main product, surely, is the growing and developing scholarship. This short account will limit discussion to two important innovations. One was led by Cheiron founder, Elizabeth Scarborough, who in 1987 published a book with Laurel Furomoto: *Untold Lives: The First Generation of American Women Psychologists*. This publication was the culmination of many sessions at Cheiron and other meetings, and it opened up venues for feminist history of psychology that are still lively and productive. Cheiron's keynote address is now called the Scarborough Lecture, in honor of the leader who attended every single year until her death shortly after the 2015 meeting.

A related movement was the "critical turn" in Cheiron itself during the 1980s, led first by a group of young members (John Carson, Benjamin Harris, Jill Morawski, to name only some of the ringleaders); they eschewed 'celebratory' history and called for more penetrating (and sometimes unpleasant) historical analyses. Social psychologist Franz Samuelson egged them on, and the graduate program in history and theory of psychology at York University (Canada), inspired by Kurt Danziger, David Baken, and Ray Fancher, also deepened the studies in history of human science. During the 1988 Cheiron meeting at Princeton, James H. Capshaw worked with Harris, Furomoto, and others devise a plan to bring this direction of studies to greater prominence within the staid History of Science Society. The Forum for History of Human Science became a recognized "interest group" in HSS in 1990; the memo of recognition came from HSS Executive Secretary Michael Sokal, one of the original founders of Cheiron who had been a graduate student at the 1968 Summer Institute.

The list of such multiplying and interlocking influences could go on and on, and very far in distance. In 2017 the Brazilian Society for History of Psychology celebrated its first ten years at a meeting in Sao Paulo. Its president took the occasion to step down from office: Marina Massimi had been inspired to develop history of psychology in Brazil by none other than Joseph Brozek. Two Cheironians, David Robinson and Nadine Weidman, were there to witness the commemoration—correction, there were three Cheironians, because Brazilian psychologist Rodrigo Miranda was serving as an officer of Cheiron at the time.

Journals in the field have likewise multiplied and interrelated. Cheiron-inspired work continues to enrich the historical columns that frequently appear in the mainline journals

of psychology, such as *American Journal of Psychology*. Robert I. Watson founded *Journal of the History of the Behavioral Sciences* in 1965, and its formal connection with Cheiron followed soon after. *History of the Human Sciences*, whose first issue appeared in 1988, was edited for 15 years by stalwart ESHHS member, James Good. In 1998 Cheiron founder Michael Sokal became founding editor of *History of Psychology*, the official organ of Division 26 (Society for History of Psychology) of the American Psychological Association (APA). Cheiron and ESHHS members publish actively in these journals, as well as others that appear in languages other than English.

Cheiron was born out of agitation and discomfort with the status quo, and the desire to understand it historically, during the turbulent years of the late 1960s. It was renewed and expanded, in territory and in critical scope, during the 1980s, as the Cold War waned and people in many parts of the world emerged from decades of dictatorship. As we face the challenges of today, a critical understanding of the human sciences—how we seek better knowledge of ourselves—seems to be as important as it ever was.

#### REFERENCES:

- Brozek, J., Watson, R. I., & Ross, B. (1969). A summer institute on the history of psychology: Part I. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 5, 307–319.
- Brozek, J., Watson, R. I., & Ross, B. (1970). A summer institute on the history of psychology: Part II. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 6, 25–35.
- Goodman, E. S. (1982). Robert I. Watson and the Cheiron Society. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 18, 322–325.
- Scarborough, Elizabeth (2004). Cheiron's origins: Personal recollections and a photograph. *Journal of the History of the History of the Behavioral Sciences*, 40, 207-211.
- Sokal, M. M. (2016). Elizabeth Scarborough (1935–2015). *American Psychologist*, 71, 246.
- Watson, R. I. (1975). The history of psychology as a specialty: A personal view of its first 15 years. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 11, 5–14.
- Weyant, Robert G. (1968). Some reflections on the NSF Summer Institute in the History of Psychology. *The Canadian Psychologist*, 9, 505-510.

Woodward, W.R.; Hoskovec, J; Flesher, M.M.; Carpintero H.& Massimi, M. (2004). Josef Brozek (1913-2004), *History of Psychology* 7, 297-311.

Cheiron's website: <https://www.uakron.edu/cheiron/>

Contact to author, David K. Robinson, Cheiron Executive Officer: [drobinso@truman.edu](mailto:d robinso@truman.edu)

Ago 2018

---

RELATO DE UM GRUPO DE PESQUISA QUE TRABALHA COM A  
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

PAULO COELHO CASTELO BRANCO

O Núcleo de Estudos em Psicologia Humanista (NEPH) é um grupo de pesquisa, coordenado pelo prof. Dr. Paulo Coelho Castelo Branco, sediado no Instituto Multidisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia, Campus Anísio Teixeira (IMS/UFBA/CAT), em Vitória da Conquista. O NEPH foi fundado, em 2014, com o intuito de estudar, segundo uma perspectiva histórica, os movimentos de recepção e circulação de algumas abordagens humanistas no Brasil. As pesquisas têm influências das historiografias de Josef Brožek, Kurt Danzinger, Wade Pickren, Alexandra Rutherford e Alejandro Dagfal. O grupo, também, tenta atrelar alguns métodos já estabelecidos nas ciências humanas – como revisão sistemática, meta-análise, análise de conteúdo e método fenomenológico empírico – com problematizações, procedimentos e discussões presentes no campo da História da Psicologia.

O projeto de pesquisa *Recepção e indigenização da Psicologia Humanista no Brasil, nas décadas de 1960-2000: estudo historiográfico* busca catalogar traduções de livros e produções bibliográficas nacionais (livros, artigos, dissertações e teses) sobre as psicologias de Carl Rogers, Abraham Maslow, Fritz Perls, Amedeo Giorgi e Rollo May. Mapeiam-se os momentos históricos de como os conhecimentos psicológicos desses expoentes chegaram ao Brasil, a partir da visita de alguns deles e dos seus colaboradores; e da ida de alguns psicólogos brasileiros aos EUA, para estudar com eles. Assim, as ponderações do NEPH tentam estabelecer em que sentido, e sob quais condições históricas, sociais e culturais, as abordagens humanistas brasileiras se hibridizaram e se singularizaram em relação às matrizes estadunidenses. Além disso, estuda a Logoterapia e outras abordagens consideradas humanistas no Brasil, como o Psicodrama e a Daseinanalyse.

Em complemento ao projeto anterior, em 2015, a pesquisa *Circulação da Psicologia Humanista no Brasil: formação e produção do conhecimento* perfaz a análise de conteúdo de editais de concursos públicos para a contratação de psicólogos docentes humanistas, fenomenológicos e existenciais, com o intuito de compreender o perfil formativo de conhecimento psicológico que as universidades almejam nessa perspectiva. Busca-se, pois, entender como esse perfil formativo é ancorado no mercado de trabalho para formar psicólogos em nível de ensino, pesquisa e extensão. Esta pesquisa mapeia, ainda, como algumas universidades se tornaram casos históricos de recepção da Psicologia Humanista no Brasil e como o conhecimento humanístico circula nelas, segundo dissertações, teses, periódicos, matrizes curriculares e profissionais formados.



Em 2016, o NEPH abriu outro projeto de pesquisa, intitulado *Experiências de formação do psicólogo em uma universidade interiorizada: análise fenomenológica*, para estudar os movimentos históricos que possibilitaram o expansionismo educacional do ensino superior, sobretudo de cursos de Psicologia nos interiores do Brasil. Partindo de uma pesquisa estatística, norteadas pelos dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), articulada às revisões sistemáticas e pesquisas fenomenológicas empíricas com discentes, docentes e gestores do IMS/UFBA/CAT, o estudo reflete um momento histórico nacional mais recente (de 1995 até então) que aponta para outra dinâmica formativa de psicólogos em relação ao que se estabeleceu como base em instituições sediadas nas capitais. A investigação se vale do pensamento histórico de Pickren e Rutherford, sobre as geografias intelectuais centrais e periféricas do conhecimento psicológico, para entender as nuances locais implicadas ao processo formativo de psicólogos nos interiores brasileiros em contraste às capitais.

Em suma, o NEPH entende que todas as psicologias e processos formativos do psicólogo se vinculam a movimentos históricos estabelecidos segundo discussões entre o que é universal e local, central e periférico, contínuo e descontínuo na produção e propagação do conhecimento psicológico. Algumas publicações do grupo estão disponíveis em periódicos e capítulos de livros, indicados no currículo lattes do seu coordenador (<http://lattes.cnpq.br/1820406648964972>, contato: paulocbranco@gmail.com).

Ago 2018

---

**I CONGRESSO DE PSICOLOGIA BRASILEIRA (I CBPR): UMA  
VIAGEM À PARNAÍBA (PI)**

**HUGO LEONARDO ROCHA SILVA DA ROSA**

Foi entre os dias 26 e 29 de abril que aconteceu a primeira edição do Congresso de Psicologia Brasileira, nas dependências da Universidade Federal do Piauí. Não no campus da capital daquele Estado, mas em Parnaíba, uma cidade litorânea no extremo norte do Piauí, a pouco mais de 4 horas de viagem de carro a partir de Teresina.

Cheguei no evento à noite do dia 27 de abril, pois a viagem à Parnaíba durou o dia inteiro. O desembarque na capital já produziu uma primeira impressão: mesmo sendo natural do Rio de Janeiro, logo senti as altas temperaturas de Teresina. É cidade quente pra nenhum carioca pôr defeito, como diríamos em bom português. Fui recebido no aeroporto pela professora Sandra Freire e por um motorista da universidade, o sr. Vilmar, ambos muito simpáticos e atenciosos. Costurando o interior da cidade de carro, entre ruas e avenidas até a primeira rodovia, foi difícil não ter a atenção capturada pela beleza dos Ipês amarelos e roxos que embelezam ruas e praças da cidade. Fizemos uma breve parada para almoço em restaurante ainda na cidade e lá pude experimentar uma comida típica do Piauí: Maria Isabel, uma mistura de arroz com carne seca picada, que veio acompanhado de uma saborosa carne-de-sol, uma farofa de banana e, para beber, uma cajuína espetacular. Após essa breve parada, seguimos estrada adentro.

Viajar algo em torno de 300 quilômetros, talvez um pouco mais, na companhia de moradores da região é ter o privilégio de ouvir uma verdadeira aula sobre a história e os problemas locais: as falhas na administração de governadores e prefeitos, a crise econômica dos últimos tempos, as taxas de desemprego, mas também as últimas novidades na esfera da cultura e música piauiense, os campeonatos de futebol e as mudanças de temperatura e umidade para as próximas semanas. Tudo isso ao som de muito forró como música de fundo de toda a viagem. Nos momentos durante o trajeto em que pude pensar com os meus botões, fiquei maravilhado com a paisagem vista pela janela do veículo: um céu de um vivo azul e nuvens que mais pareciam verdadeiras dunas de algodão, além de arbustos de galhos retorcidos, carnaúba, ipês de diferentes cores, bromélias e toda uma vegetação que meu parco repertório sobre o assunto me impede de nomear. Ainda que tenha sido uma longa viagem, muito aprendi ouvindo boas histórias e observando a paisagem e a pequenas vilas durante o percurso.

Parnaíba é cidade bastante agradável, tal como o seu campus universitário da UFPI que, na verdade, recentemente autonomizou-se e hoje é Universidade Federal do Delta do Parnaíba. Aquele clima universitário que somente é proporcionado quando há espaços de convivência, como bancos de concreto em meio ao verde, restaurante universitário, espaços de

estudo ao ar livre, além dos tradicionais centros acadêmicos, todos ocupados por grupos de estudantes e funcionários locais, efetivamente só muda de endereço. Qualquer um tenha em seu repertório de vivências a experiência de estudar em uma universidade pública se sente em casa.

Participaram do evento professores, profissionais, alunos de pós-graduação de norte a sul do país e alunos de graduação daquela universidade. Na verdade, estes últimos compuseram a maioria dos ouvintes das conferências, ao menos das que pude estar presente. Aliás, chamou-me a atenção o envolvimento dos alunos nessas conferências, muito participativos nos momentos em que havia espaço para intervenções, algo que nem sempre ocorre nos congressos. Os momentos que mais demandaram estrutura no evento, isto é, as conferências, mesas redondas e apresentações culturais ocorreram nos auditórios central, leste e oeste. As comunicações orais e as sessões de pôsteres espalharam-se pelas salas e quadra da universidade. A transição entre um local e outro nem sempre era fácil, pois me perdia entre os prédios do campus quando não tinha estudantes por perto para me auxiliar.

Acredito que tenha ficado evidente para os congressistas que a proposta do evento era claramente interdisciplinar e de criar um espaço para uma discussão crítica acerca das práticas em psicologia e a própria formação do psicólogo. E de fato isso concretizou-se: os vários conferencistas e debatedores de mesas redondas abordaram suas especialidades frente aos problemas do contemporâneo no Brasil. Em tempos de crise política, econômica, institucional e de desmonte das universidades públicas, frutos de um golpe que, como bem lembrou o professor Eduardo Passos, produziu um trauma, é importante que se repense a prática do profissional, seja ele atuando em esfera autônoma ou comprometido com as instituições públicas. Nesse sentido, frente a um cenário de mal-estar generalizado, o evento contribuiu para que os participantes refletissem retrospectivamente, em termos históricos, e prospectivamente, isto é, procurando caminhos para superar desafios e com isso construir coletivamente suas próprias táticas de sobrevivência.

A quantidade de temáticas e práticas que foram discutidas entre os congressistas evidencia essa preocupação e mostra que o evento foi bem-sucedido. De fato, o congresso abarcou um amplo espectro de eixos que incluiu desde a Neuropsicologia até a Esquizoanálise, passando pelas muitas práticas como a organizacional, escolar, hospitalar, comunitária, entre tantas outras, compartilhando resultados e reflexões a partir de casos clínicos ou estudos quantitativos. Infelizmente, como de praxe em congressos dessa magnitude, não foi possível acompanhar todas as vozes e inquietações, mas sem dúvidas a formação do psicólogo, os muitos

problemas do Brasil contemporâneo e as necessárias reflexões críticas das respectivas práticas foram importantes centros de gravidade do evento.

Pude participar da mesa de história da psicologia no Brasil com o professor André Rossi e que foi mediada pela psicóloga Julianna Sampaio. Nela, discuti algumas práticas de avaliação e classificação protagonizadas por médicos e educadores no alvorecer de nossa República, enquanto o professor André Rossi seguiu discutindo as sociedades psicanalíticas brasileiras na segunda metade do século XX. Sem intenção, nossas falas concertaram cronologicamente. Agradeço ao professor Guilherme Prado pelo generoso convite para compor a mesa e discutir questões importantes no campo da história da psicologia. Aliás, surpreendeu-me o fato de que essa mesa ocorreu de 19h às 21h em um sábado e contava com um ótimo número de ouvintes. Não é sempre que observamos alunos na universidade, em um sábado à noite, querendo ouvir e discutir história. Portanto, agradeço também aos simpáticos alunos por toda a atenção e pelo valioso retorno em relação aos temas debatidos à mesa.

Tempo e espaço de conferências, tempo e espaço para as informalidades. Um congresso não é só uma reunião formal, mas um espaço legítimo para conhecer a região, as pessoas e, claro, os bares no entorno. Ao mesmo tempo que revi colegas, também conheci gentis professores e profissionais. As noites que passei em Parnaíba foram debaixo de chuva, mas nem por isso foram menos agradáveis, sobretudo com a companhia de parte da comissão organizadora, professores da UFPI e de alguns colegas daqui do Rio de Janeiro. Foi a primeira vez que visitei Parnaíba e lamentei não poder ter explorado um pouco mais o que a cidade e a região tinham a oferecer: por exemplo, o Delta do Parnaíba com os seus muitos quilômetros de encantadoras dunas e a belíssima Ilha do Cajú. Oportunidades de retorno é que não irão faltar, até por que já estou com saudades daquela carne-de-sol acompanhada de Maria Isabel e, claro, de uma boa cajuína.

Ago 2018

---

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA, DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E  
INCLUSIVA E DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM  
FOCO NO 36° ENCONTRO ANUAL HELENA ANTIPOFF

RODOLFO LUÍS LEITE BATISTA

Entre 23 e 26 de abril de 2018, a Universidade Federal de Minas Gerais e a Fundação Helena Antipoff acolheram o 36º Encontro Anual Helena Antipoff e o 2º Colóquio de Pesquisa e Intervenção em Transtorno do Espectro do Autismo com o tema **Da Ortopedia Mental à Educação Inclusiva: história e atualidade**. O evento buscou debater questões históricas e contemporâneas ligadas a Educação Especial e Inclusiva, recebendo pesquisadores, professores de diferentes níveis de ensino, familiares, militantes e outros interessados na área. Com mirada histórica e sem perder de vista os dilemas e as potencialidades da atualidade, o evento cumpriu com êxito seu objetivo de difundir pesquisas e promover diálogos sobre o tema e inovou ao transmitir e registrar online o evento no canal da Faculdade de Educação da UFMG no Youtube (<https://www.youtube.com/user/UFMGfae>).

Na manhã de 23 de abril, foram realizados diversos minicursos e oficinas que trataram de temas desde a escrita acadêmica aos direitos e estratégias de inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista – TEA. No início da tarde, após a abertura oficial do encontro, Oscar Cirino proferiu a conferência **Da Ortopedia Mental à Educação Inclusiva**. Em sua fala, o palestrante retomou o histórico da assistência à criança com deficiência desde o modelo da ortopedia mental até as propostas atuais de inclusão e escolarização especial. Em seguida, foram realizadas as mesas-redondas **Educação Especial e Educação Inclusiva: história e atualidade**, com Márcia Pletsch (UFRRJ), Adriana Borges (UFMG) e Maria Luísa Nogueira (UFMG), e **Arte e Educação: proposições de inclusão**, com Thereza Portes (UEMG), Livia Arnaut (Instituto Casa Viva), Ivana Andrés (Instituto Maria Helena Andrés), Jardel Sander (UFMG) e Marilene Almeida (UEMG). A última conferência do dia ficou a cargo de Marina Massimi (USP), que se debruçou sobre o tema **Preservação de acervos: uma contribuição à história da psicologia e da educação especial**. Apresentando resultados de suas pesquisas, Massimi mostrou as diferentes vozes sobre a Educação Especial no Brasil, a partir do século XVI, e apontou caminhos para a preservação e a utilização de acervos em pesquisas históricas. A noite do primeiro dia foi dedicada a eventos artísticos e ao lançamento do livro **Toda criança pode apresentar: o aluno com autismo na escola** (Editora Mercado de Letras), organizado por Adriana Borges e Maria Luísa Nogueira.

O segundo dia de evento acolheu a conferência de Andréa Werner (Lagarta Vira Pupa) **Maternidade Atípica** e a mesa-redonda **Escolarização de crianças com autismo: recursos para inclusão**, com Daniele Piuzana Barbosa (LINK Psicologia), Daniele Silva (UnB) e Mônica Rahme (UFMG). No período vespertino, Carlo Schmidt (UFMS) apresentou uma conferência sobre o estado atual de pesquisas sobre autismo e Carlos Monarcha (UNESP) se

dedicou à constituição histórica do movimento pedológico internacional. Além disso, aconteceu a mesa-redonda **A linguagem e o aparelho sensório no autismo: intervenções na sala de aula**, com Patrícia Ferreira Reis e Ana Amélia Cardoso.

Entre terça e quarta, ocorreram diversas Sessões Coordenadas para apresentação de comunicações, dedicadas a história da psicologia e ciências da educação; formação de educadores e de psicólogos; práticas e experiências em educação e história, tratamentos e escolarização de crianças com TEA, reunindo jovens estudantes e pesquisadores experimentados para troca de informações. Na quarta-feira, foram realizadas ainda as mesas-redondas: **Educação Inclusiva nos diferentes níveis de ensino**, com Adriana Valladão (UFMG), Kátiuscia Vargas (UFJF) e Adriana Leister; **Escola Ativa: perspectivas teórico-práticas para uma pedagogia antipoffiana**, Adriana Otoni (UFMG), Maria de Fátima Pio (UFMG), Marilene Almeida (UEMG) e Camila Meira (UEMG); **As contribuições das neurociências para o autismo**, com Stela Rodrigues (PUC-MG) e Márcia Goretti (CEFET-MG) e **Psicologia e Educação Especial: história do passado e do presente**, com Érika Lourenço (UFMG), Raquel Assis (UFMG), Daniela Leal (Universidade Moura Lacerda) e Renato Silveira (PUC-MG). As atividades do dia foram encerradas com a conferência **Early learning and early intervention for children with ASD: from research to implementation**, de Giacomo Vivanti, pesquisador do Autism Institut da Drexel University.

Um momento bastante significativo da programação foi a roda de conversa sobre processos de escolarização que foi realizada com jovens com TEA, realizada no Auditório Neidson Rodrigues. Como habitualmente faz, o evento também se abriu para realização de assembleias ordinárias da Sociedade Brasileira de História da Psicologia – SBHP e do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – CDPHA, conduzidas pelos respectivos presidentes Arthur Arruda Leal Ferreira (UFRJ) e Regina Helena de Freitas Campos (UFMG), e com a participação de diversos associados das entidades. Nessa oportunidade, discutiu-se sobre a realização do 2º Congresso da SBHP, entre 19 e 22 de setembro, em parceria com o 6º Encontro de Filosofia, História e Epistemologia da Psicologia, na UNIFOR, em Fortaleza, Ceará. Os presentes deliberaram pela participação da SBHP junto ao Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira como ação política organizada na discussão das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Psicologia, tema de grande relevância para a área. Apresentaram-se como propostas a criação de um Boletim para a SBHP em substituição à Newsletter da SBHP que circulou desde a fundação da instituição e se discutiu pelo desenvolvimento de projetos de digitalização de acervos, arquivos e outros materiais de



pesquisa em História da Psicologia no Brasil. De maneira geral, as assembleias mostraram a vivacidade e o dinamismo crescentes da área de História da Psicologia em nosso país.

Por fim, as atividades do último dia de evento promoveram reflexões entre o passado, o presente e o futuro da Educação Especial e Inclusiva no Brasil. De um lado, Mitsuko Antunes (PUC-SP) argumentou pela importância do estudo histórico para o desenvolvimento de estratégias efetivas para teorias e práticas de inclusão. De outro, Márcia Pletsch (UFRRJ) mostrou os desafios atuais para a Educação Inclusiva. Entre repercussões do passado, questões do presente e projetos para o futuro, o 36º EAHA se encerrou com a tradicional visita ao Memorial Helena Antipoff, em Ibirité, apontando mais uma vez a trajetória da educadora e psicóloga como objeto de estudo e modelo para uma educação promotora de inclusão e justiça social.

Ago 2018

---

**XXXI SIMPÓSIO DA SEHP (OU SMALL IS BEAUTIFUL)**

ARTHUR ARRUDA LEAL FERREIRA

Tenho acompanhado desde 2008 encontro anual da Sociedade Espanhola de História da Psicologia (com exceção dos anos de 2013 e 2017) e posso afirmar que é um dos encontros mais interessantes em História da Psicologia num cenário mundial. A primeira característica que se destaca é que, em geral, não há sessões simultâneas (exceção talvez para o encontro do Porto de 2016), produzindo em dois dias e meio um panorama bem variado da história da psicologia produzida neste país (e com alguns desdobramentos ibero-americanos). A escala reduzida do encontro permite por um lado discussões mais detalhadas dos trabalhos e por outro uma recepção sempre bastante hospitaleira dos inscritos de outros países e regiões. Mas estas não são as únicas virtudes deste encontro; a diversidade de temas e abordagens torna em geral os simpósios excelente ocasião de aprendizagem e de produção de conhecimento. Isto reforçado pela presença em boa parte dos encontros de conferencistas reconhecidos em cenário internacional. As qualidades deste encontro são apoiadas por características desta Sociedade longeva: a presença de uma revista consistente (Revista de Historia de la Psicología editada pela Universidad de Valencia) e de um boletim/blog com textos mais imediatos e informativos, além de uma diretoria composta com cerca de sete membros.

O XXXI Simpósio, realizado na Universidad de Murcia entre os dias 24 a 26 de maio, e organizado pelo grupo do atual presidente da Sociedade, Juan Antonio Vera, não escapou desta descrição geral (<http://sehp.org/wordpress/?p=1948>). Lá se fizeram presentes o acompanhamento intensivo, a hospitalidade ímpar e a diversidade de temas (arte, presença feminina, estudos da motivação) e abordagens (bibliométricas, críticas, conceituais, etc). Neste aspecto é muito interessante ver como pesquisadores de longa rodagem no campo da história da psicologia como José Maria Gondra, Helio Carpintero, Gabriel Ruiz e Natividad Sanchez partilham espaço com jovens pesquisadores. Como por exemplo, Catriel Fierro, ganhador do prêmio Antonio Caparrós por conta da publicação de seu livro *Enseñanza de la historia de la psicología y formación de Psicología* (Editores Adrus y Sociedad Peruana de Historia de la Psicología, 2016), que deve estar entre os convidados do II Congresso Brasileiro de História da Psicologia em Fortaleza. O conferencista do encontro, Bruce Overmier (da Universidade de Minnesota), foi indicado em parceria pelo *X Simposio de la Asociación de Motivación y Emoción*, basicamente traçou o histórico de seu campo de pesquisa, relativo às condições de aprendizagem que influenciam no comportamento defensivo e stress.

Um ponto de destaque do Simpósio foi sua assembleia em que dois pontos particularmente se mostraram interessantes: 1) a determinação do próximo encontro em Madri na sede de Lavapiés da UNES, provavelmente na segunda semana de maio de 2019 (dias 8, 9 e

10); 2) o acordo de cooperação firmado entre a SEHP e a Sociedade Chilena de História da Psicologia por conta de seus presidentes, respectivamente Juan Antonio Vera e Gonzalo Salas. Neste acordo foram propostos vários acordos de intercâmbio de trabalho, e, principalmente, acordos de vantagens entre associados de ambas as sociedades. Um modelo interessante que pode inspirar acordos entre outras sociedades, viabilizando participações de membros de sociedades as mais diversas em encontros internacionais de história da psicologia.

Ago 2018

---

**UM ENCONTRO COM HELIANA DE BARROS CONDE RODRIGUES**

**ENTREVISTADOR: HUGO LEONARDO ROCHA SILVA DA ROSA**

## **Apresentação de um muito breve e especial encontro**

Foi em junho passado que me encontrei com a professora Heliana para uma entrevista a ser publicada neste boletim. Minha intenção era proporcionar ao público material audiovisual, filmado em *Full HD* e áudio captado com microfone de lapela, mas por uma infeliz distração técnica infelizmente não foi possível. Espero que a entrevista em texto possa satisfazer aos interessados.

Heliana de Barros Conde Rodrigues é professora do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Foi onde, inclusive, gentilmente me recebeu para a entrevista, com o bom humor e a alegria que a caracterizam. Seus principais campos de estudo e interesse são a Análise Institucional, Práticas Grupais, História Oral, História da Psicologia e o pensamento de Michel de Foucault. Em 2016, publicou pela editora Lamparina o livro *Ensaio sobre Michel Foucault no Brasil: Presença, Efeitos, Ressonâncias*. As perguntas abaixo foram pensadas e formuladas coletivamente, havendo a colaboração do prof. Arthur Arruda Leal Ferreira e do prof. André Elias Morelli Ribeiro.

### **1. Como você cartografa a produção em história da psicologia no Brasil?**

Se eu fosse cartografar, diria que tem uma linha chatíssima, muito de história positivista. Nomes, datas, linhas do tempo que são hagiografias, mostrando como a psicologia é maravilhosa e tem seus pioneiros. Tem essa linha. Tem uma outra linha muito frágil que seria mais materialista-dialética, e que eu não vejo funcionando muito. Não muito no Rio de Janeiro, pelo menos - talvez na PUC-SP haja trabalhos mais interessantes. E há a perspectiva genealógica, ou arqueogenealógica, que considero a mais interessante, a qual muitos de nós, na UERJ, UFF e UFRJ estamos ligados. Além de Foucault, essa vertente recorre a Deleuze e Guattari, Latour, Vinciane Despret, Isabelle Stengers...em combinações às vezes monstruosas, mas sempre maravilhosamente inquietantes e indisciplinadas. É a linha às vezes flexível, às vezes de fuga, onde que gosto de me ver envolvida.

### **2. Indo um pouco além da História dos saberes *psi*, como é a relação dos historiadores com Foucault?**

A história que os historiadores contam da relação deles com Foucault é de uma divisão básica entre marxistas e foucaultianos. Penso em um artigo de Margareth, antigo, a marca da pantera, em que ela conta uma história muito engraçada. Foi muito difícil acolher as postulações

do Foucault, pois você estaria fazendo história que não leva em conta a luta de classes, uma história despolitizada, o que era um desconhecimento na maior parte das vezes. Ou então se fazia uma combinação esdrúxula: um capítulo sobre conjuntura, totalmente marxista, depois um capítulo sobre uma instituição que seria a escola tal, um reformatório não sei o que, e aí usava Foucault, sem perceber que isso não faz o menor sentido porque não existe esse contexto-texto para Foucault. Tudo é texto, tudo é contexto. Hoje em dia, acho que não está tão duro esse diálogo. Hoje em dia, aliás, vendo por onde tem ido os historiadores que também são reações às vezes... história é um campo incrível. Falo isso por conhecer posturas, não passava pela bibliografia não. Hoje em dia acho que até tem uma aliança com os marxistas para enfrentar uma linha dura na história que também é terrível. Tem alguns historiadores midiáticos dizendo coisas abomináveis, tipo assim: neoliberalismo é um avanço civilizatório, uma coisa desse tipo. Então, hoje em dia é muito mais difícil ignorar a produção foucaultiana na sua força, os cursos, artigos. Ir além dos livros. Hoje em dia é mais fácil ignorar isso, ninguém gosta de bancar o idiota. Agora, o que eu vi até por conta da dissertação de um ex-aluno que está fazendo mestrado em filosofia na PUC, Foucault hoje é responsável pelas *fakenews*, pela pós-verdade. Também tem isso: você tem uma ampla produção agora, em vez de ser como era lá com a briga com os marxistas - que não levava em conta a luta de classes, é uma muralha da burguesia - agora ele é responsável pelas *fakenews*, pela pós-verdade, pelo antirrealismo. Nem consigo te apontar quem fala isso. E uma das coisas que ficamos discutindo, e isso eu acho interessante, por que é que o pobre do careca é sempre resgatado para alguém bater ou para alguém defender? Falar em Foucault dá audiência: fale bem ou mal, mas fale de Foucault, assim todo mundo vai querer saber o que você está dizendo, não só aqui mas até nos Estados Unidos e Europa. Volta e meia, tem exemplos assim: teve o Mario Vargas Llosa falando de Foucault quando recebeu o prêmio; você tem aquele menino que é irmão da Marina, Antonio Cícero, uma vez falando mal de Foucault. O Ferreira Gullar fala mal de Foucault porque ele quer a volta do hospital psiquiátrico para cuidar dos filhos. Foucault entra em qualquer coisa: foi responsável pelo fim do hospital psiquiátrico. Se existe vida após a morte, e aí estou quase na pós verdade, ele deve se divertir muito, acredito, com essas questões. Mas eu acho que é porque dá audiência. Quando estiver pronta a dissertação do Vitor a gente vai se divertir bastante porque eu até incentivei que ele buscasse isso, fizesse uma cartografia de onde “enfiam” Foucault, seja em uma literatura mais acadêmica, seja na coisa mais jornalística.

### **3. Vejo no seu trabalho uma presença da história oral. Como você acha que esse campo poderia contribuir para a história do campo *psi*?**

Meu interesse pela história oral surgiu totalmente ao acaso. Eu estava trabalhando na ideia de fazer uma história da análise institucional no Brasil e aí fui apresentada, num encontro qualquer, aos primeiros movimentos disso, e alguém me disse assim: ah, você está trabalhando com a história imediata, história do presente, por que não usa história oral? Não sabia o que era história oral. Você começa a ler e começa a perceber que na história oral também há tendências interessantes, e umas horrorosas. Você tem as mesmas divisões. Aliás, as divisões em todo o campo são muito parecidas. Tem toda uma discussão se a história oral é uma teoria, um método, uma técnica....umas chatices. Você tem a eliminação total da oralidade, transformar em texto. E você tem algumas pessoas interessantíssimas que você vai descobrindo lendo. Descobre o Alessandro Portelli, um cara fabuloso. Descobre o Alister Thompson, um australiano que eu também acho muito bom. E descobre velhotes clássicos, como o próprio Thompson. *A voz do passado* é um livro interessante.

História oral é boa para quê? Pra mudar os rumos da pesquisa. Você nas entrevistas descobre aquilo que jamais pensou, alguém vai te apontar um caminho que é o que não está gravado. Pegando a expressão do Paul Thompson: a história é um grande gravador, ela registra algumas coisas e não outras. Pegando via Foucault, ele fala do documento pouco lido. Pegava lá a história do Pierre Rivière. Era grosso, peguei, fui lá e...é isso. É alguma coisa pouco advertida que nas entrevistas aparece a todo momento, um negócio estranhíssimo. Você *genealogiza* o que não estava muito arrumadinho. O Portelli é o valorizador da oralidade. Tem coisas também na experiência que é diferente de disputar documento com camundongo. É outra aventura, arriscada também. Ansiogênica, mas produz coisas maravilhosas: amizades, transformações. Então o Portelli pega mais por aí, o próprio viver dessa coisa, e o Alister pega uma coisa muito interessante que é como romper com aquilo que é sempre lembrado...que ele usa na história. O que é que nunca foi contado? Ele pergunta isso diretamente. No começo da pesquisa dele, ele vai perguntar não sobre o heroísmo, mas sobre a covardia. O cara nunca tinha o lugar para falar do seu medo, perguntando diretamente para os caras que nunca iam às comemorações e estavam totalmente ferrados.

Memória ferra com as pessoas também, e às vezes você precisa criar outros espaços. Na psicologia isso é interessante. Uma coisa que, por exemplo, eu tenho visto aparecer: tem um cara argentino, esqueci o nome dele, depois eu tento descobrir. Talvez o Arthur conheça. Ele



usou nos anos 60 LSD em terapia psicanalítica. Esse cara foi expulso da APA por conta dessa questão. Eu estou vendo outro dia no jornal reaparecendo essa história, não a história dele, mas de outras pessoas que também fazem esses experimentos com drogas, aparecendo em outro espaço. Não consigo me lembrar do nome dele, mas não era tão desconhecido, não. Era um psicanalista de certo prestígio que a memória o matou. A memória é construída historicamente, mas a memória abala certas verdades e esse jogo é muito legal.

**4. Atualmente, a SBHP está iniciando esforços para a digitalização de acervos pertinentes ao estudo da História da Psicologia no Brasil. Quais dificuldades você espera na execução deste esforço?**

Dinheiro e entusiasmo. É um trabalho chato, mas é maravilhoso. Eu tenho todos os jornais do IBRAPSI, chamado Sigmund. Eu tinha uma cópia (xerox). Andre Rossi veio aqui e me entrevistou sobre o IBRAPSI e eu dei uma cópia dos jornais para ele. Ele digitalizou e colocou num drive e aí é aquela história: eu fui olhando com muito prazer. Eu tenho o negócio, mas como estava digitalizado ficou mais simples. Reparei em fotografias das pessoas aqui da UERJ há 30 anos atrás, mandei pra elas, etc. Eu acho que é um...produz encantamento! Agora, como é que se faz isso? Como é que você cria um cotidiano disso que não seja insuportável? Porque tem um trabalho braçal aí que talvez, eu não sei, é um palpite, tá Hugo? Se ao longo da digitalização alguma coisa já fosse sendo produzida para não ser, entendeu...sejam as mesmas pessoas, sejam outras, você acaba dividindo entre um trabalho intelectual e um manual. Como tentar juntar essas duas coisas, seja trabalhando sobre esse trabalho, que é a construção do acervo. Ao mesmo tempo que faz o acervo vai tentando compor um texto interessante sobre compor acervos ou sobre a própria temática pela qual o acervo está sendo buscado. Fora isso, é grana, espaço, espaço virtual, conservação.

Uma vez eu vi uma apresentação em um congresso de história oral. Era sobre história oral, mas o problema é geral. Essa questão da mudança da mídia, gravador de dois carretéis, gravador cassete, CD, pen drive, vai mudando e, se você não tem como atualizar isso rápido, você perde. Eles perderam muita coisa. Tem como recuperar, mas para isso precisa de grana, precisa de novo investimento da coisa. Você fica um pouco escravo das novas tecnologias. Flanelógrafo já não tem mais: acabou a flanela. Daqui a pouco acaba o disquete e, se você tinha coisa ali, corre pra atualizar tudo. Resta saber também se há interesse, e aí tem o outro detalhe que é o das apropriações, que também já é um indicador para escrever alguma coisa. Tentar

juntar essa questão da digitalização do acervo, tratar isso quase como um analisador do campo da historiografia brasileira sobre a psicologia. Quem vai disponibilizar e por que não quando diz que não? Isso desdobra um campo.

**5. Não poderíamos deixar de perguntar uma questão que também atravessa a vida do professor: em tempos de desmonte das instituições públicas e considerando as tensões no plano político, social e econômico que vivemos, como você percebe o seu trabalho e esforços nesse cenário?**

No ano passado, passado e retrasado, destruído. Não fiz praticamente nada mais. Por outro lado, publiquei um livro, publiquei resultado. Vou publicar a minha dissertação de mestrado, aquela coisa monstruosa de 900 páginas. Irá ficar em 500, sobre a história institucional francesa. Vou publicar minha tese de doutorado, que é sobre história oral. Vou publicar muita coisa. Isso é bom: feliz por publicar. Agora, o prosseguimento da minha pesquisa... totalmente paralisado. Não há como fazer isso nessas condições. Não era que eu não viesse aqui, não é isso. Você vem aqui para discutir a situação da universidade, para ir à Assembleia. Você não senta para ...imagina se eu vou sair pra fazer entrevista sobre Foucault no Brasil 5 meses sem receber. Não faço. O contato com os alunos se perde. Eu por exemplo não reativei minhas bolsas de iniciação científica. Esse avanço neoliberal sobre a universidade é destrutivo. Todo mundo que eu conheço que continua pesquisando é um grupo de pró cientistas da UERJ que coloca lá na lista que não tem que fazer greve, não. Tem que continuar. Negócio é a sua pesquisa sobre o acelerador de partículas na Suíça...é essa turma. Turma linha dura continua porque isso aqui é uma casa da mãe joana onde eles se instalam, falando em financiamento para conseguir financiamento. Não tem o menor interesse na universidade pública, imagina. Ou então quem tem uma temática de pesquisa diretamente ligada a esse problema. Como eu vejo isso: eu vejo acabando com a gente. Acabando com quem faz alguma pesquisa que tenha interesse pelo cotidiano das pessoas, um interesse político, estético, de produção de novos modos de viver, de pesquisar, esse pessoal tá ferrado. A não ser quando está direitinho ligado. Se você tem um projeto de pesquisa sobre neoliberalismo, universidade pública e produção conceitual, você faz. Eu ainda estou tentando retomar.

Ago 2018

---

DISSERTAÇÕES E TESES (2017)

**Título:** O CONCEITO DE CONSCIÊNCIA NA OBRA INICIAL DE WILLIAM JAMES

**Autor(a):** BRUNO PAMPONET SILVA SANTOS

**Orientador(a):** SAULO DE FREITAS ARAUJO

**Tipo:** DISSERTAÇÃO

**Instituição:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

**Resumo:** Os trabalhos de William James (1842-1910) impactaram muito do que foi produzido e discutido em psicologia posteriormente a ele. Seu livro mais famoso, *The Principles of Psychology* (1890/1981), marca o fim da psicologia feita em escritório e o alvorecer da psicologia experimental, além de ser um grande compêndio de diversos temas caros à psicologia e uma fotografia bastante acurada do tempo em que foi produzido. Porém, apesar da cristalização desse projeto psicológico ocorrer na década de 1880, autores tendem a ignorá-la e se dedicam apenas a textos posteriores. Desse modo, objetivou-se investigar o conceito de “consciência” na obra inicial de James, compreendendo como esse conceito aparece nos seus trabalhos iniciais (1865-1890), bem como investigar o conceito de consciência no *Principles* e sua coerência ao longo dessa obra. Ainda que não tenha sido expressamente definida, toda a vida psíquica parece estar organizada em função das características da consciência apresentadas no *Fluxo do Pensamento*. Ela tem a função de organizar o cérebro naturalmente caótico e sua existência é justificada pela teoria da evolução. Já a noção de Self parece estar atrelada à personalidade da consciência. Assim, a consciência se mostrou um atributo psíquico basilar na obra inicial jamesiana.

**Título:** DO COMPORTAMENTO POLÍTICO À PSICOLOGIA POLÍTICA NO BRASIL: A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA POLÍTICA VISTA PELOS PARTICIPANTES DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA POLÍTICA

**Autor(a):** MARIA APARECIDA CUNHA MALAGRINO VEIGA

**Orientador(a):** SALVADOR ANTONIO MIRELES SANDOVAL

**Tipo:** DISSERTAÇÃO

**Instituição:** PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

**Resumo:** O objetivo principal deste estudo foi apresentar a trajetória da Psicologia Política no Brasil vista a partir de seus precursores e demais participantes. Tais personagens foram divididos em três gerações de pesquisadores considerando o grau de relacionamento acadêmico. As principais fontes de dados para tecer esse estudo foram investigação documental, entrevistas

e genograma construído a partir de dados da Plataforma Lattes. Como procedimento investigativo trabalhamos a partir da história oral temática com a qual pudemos combinar as fontes escritas do conjunto documental (atas, cadernos, revistas, anais) com fontes orais (entrevistas). Os resultados da pesquisa apresentam como os personagens das três gerações examinadas consideram o desenvolvimento da Psicologia Política no Brasil num período de 16 anos

**Título:** O ISOP E A PSICOLOGIA DO ESPORTE NO RIO DE JANEIRO: AMPLIANDO A HISTÓRIA DE UMA PRÁTICA

**Autor(a):** ADRIANA AMARAL DO ESPIRITO SANTO

**Orientador(a):** ANA MARIA JACO VILELA

**Tipo:** TESE

**Instituição:** UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

**Resumo:** O Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), que funcionou de 1947 a 1990, no Rio de Janeiro, foi uma instituição de extrema relevância no cenário brasileiro. Sendo referência em psicotécnica no país, nunca, entretanto, foi referido com relação à Psicologia do Esporte. O objetivo deste trabalho é mostrar suas inserções na área, por meio da atuação de seus profissionais, entre eles Athayde Ribeiro da Silva, Emilio Mira y López e Cecília Torreão Stramandinoli, além de suas publicações. Foi realizada uma pesquisa no Núcleo de Documentação da Fundação Getúlio Vargas (FGV), onde o ISOP funcionou, sendo feitas buscas a partir de termos que relacionavam a instituição a termos da área esportiva, seguindo-se outros termos, a partir de dados que foram surgindo nas pesquisas com os documentos encontrados. Outra fonte foram os cadernos de Alice Mira, uma compilação de recortes de publicações de jornais e revistas de sua época que fizessem referência, de alguma forma, a Emilio Mira y López, reunidos em diversos volumes e que foram digitalizados pela FGV. Os artigos de Cecília Stramandinoli em revistas científicas foram obtidos graças à digitalização deste material. Os livros e artigos escritos por Athayde Ribeiro da Silva (sozinho e em “parceria” com Emilio Mira y López) foram tratados como fontes primárias, tendo sido cuidadosamente resumidos para a análise realizada. Também recorreremos à memória de personagens ligados direta ou indiretamente à história que estamos contando, realizando algumas entrevistas. O resultado das pesquisas mostra a intensa participação do ISOP tanto no apoio à seleção brasileira de futebol, na década de 1960, quanto à produção científica, através

de sua revista, e a produção intelectual de alguns de seus personagens. São fatos que não faziam parte da história construída da Psicologia do Esporte até o momento e que certamente possuem relevância neste contexto. Assim, esperamos lançar nova luz à Psicologia do Esporte e também aos três personagens que elencamos aqui, complementando a história já existente, ampliando as referências teóricas e práticas para uma Psicologia do Esporte atual, contextualizada e diversificada.

**Título:** O IMPACTO DA OBRA DE J. B. WATSON NA PSICOLOGIA NORTE-AMERICANA (1903-1923): CITAÇÕES A OUTROS AUTORES COMO PARÂMETROS QUANTITATIVOS DE COMPARAÇÃO

**Autor(a):** FERNANDO TAVARES SARAIVA

**Orientador(a):** MARCUS BENTES DE CARVALHO NETO

**Tipo:** DISSERTAÇÃO

**Instituição:** UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

**Resumo:** Na historiografia da psicologia, o impacto da obra de J. B. Watson é um tema que tem gerado discussões e pesquisas, algumas das quais utilizam como método a análise bibliométrica. Estes estudos, no entanto, não adotam parâmetros comparativos que possam indicar de forma mais precisa o grau de impacto da obra do autor. A presente pesquisa busca preencher esta lacuna, por meio de dois estudos bibliométricos comparativos entre citações das obras de Watson e de outros relevantes psicólogos do início do século XX: Edward B. Titchener, Edward L. Thorndike, William James, James R. Angell, Harvey A. Carr e John Dewey. O primeiro estudo consiste em uma análise bibliométrica comparativa entre as citações de Watson, Titchener, Thorndike e James em cinco importantes periódicos norte-americanos da área, entre os anos 1903 e 1923 – uma década antes e uma década após a publicação do Manifesto Behaviorista (1913). O segundo estudo é uma ampliação do primeiro, acrescentando ao escopo da pesquisa três autores – Angell, Carr e Dewey – e outros três relevantes periódicos do período. Os resultados da pesquisa indicam que, embora não possa ser tomada propriamente como marco revolucionário, a obra de Watson teve na década posterior à publicação do Manifesto Behaviorista (1914-1923) um impacto próximo ao de Dewey, do estruturalismo de Titchener e do associacionismo de Thorndike, maior do que o exercido pelo funcionalismo de Angell e Carr, mas ainda distante do alcance das ideias de James.

**Título:** INVESTIMENTOS EVANGÉLICOS EM PSICOLOGIA NO BRASIL: A PSICOLOGIA NO SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO SUL DO BRASIL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

**Autor(a):** FILIPE DEGANI CARNEIRO

**Orientador(a):** ANA MARIA JACO VILELA

**Tipo:** TESE

**Instituição:** UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

**Resumo:** Este trabalho consiste em uma pesquisa historiográfica sobre o processo de emergência do que denominamos por “investimento evangélico” pela Psicologia no Brasil – isto é, as apropriações de teorias e práticas psicológicas por parte do campo religioso evangélico/protestante. Uma das faces mais visíveis da articulação entre o campo evangélico e a Psicologia são as atividades de ensino teológico, ministradas por seminários mantidos por igrejas evangélicas, em cujos currículos é comum encontrar disciplinas de temáticas relativas à Psicologia da Religião, Aconselhamento Psicológico e Psicologia da Educação, dentre outras. Neste sentido, indagamo-nos sobre em que período e em quais condições históricas e culturais conteúdos psicológicos começaram a circular nos currículos de formação teológica evangélica no Brasil. Desta forma, o objetivo desta pesquisa foi investigar de que forma sob quais condições e com quais objetivos institucionais ocorreu a inserção da Psicologia no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (STBSB), na cidade do Rio de Janeiro, dentre as décadas de 1950-1990. Os métodos empregados foram pesquisa bibliográfica e entrevistas com informantes que foram alunos e professores do STBSB. Localizou-se a presença de disciplinas com conteúdos psicológicos no currículo do STBSB desde o início da década de 1950. Nesta mesma década, iniciou-se a aplicação de testes psicológicos com a finalidade de realizar avaliação psicológica e orientação vocacional nos candidatos ao ingresso no Seminário. A partir da década de 1970, a inserção da Psicologia no STBSB se expandiu com a criação de novas disciplinas, ministradas por professores que realizaram pós-graduação em Psicologia em seminários norte-americanos, onde tiveram contato com o movimento do Aconselhamento Pastoral. Tal movimento influenciou a criação do Instituto de Clínica Pastoral, um curso de especialização voltado à formação de conselheiros pastorais e capelães no STBSB. Desta forma, é possível observar a multiplicidade de enfoques que teve a apropriação dos saberes “psi” pelos batistas. Ao mesmo tempo que o ensino e atuação da Psicologia no STBSB tinha por finalidade precípua fornecer subsídios para a atuação sacerdotal dos futuros pastores batistas, acabou por despertar a motivação de alguns alunos em se graduarem em Psicologia. Além disto, as características da apropriação do saber psicológico no STBSB estavam articuladas com o



contexto geral deste saber no Brasil ao longo do recorte temporal adotado: a inserção inicial da Psicologia em cadeiras/cátedras de ensino superior; a psicotécnica e a hegemonia do modelo psicométrico nas décadas de 1950 a 1960 e sua substituição pelo modelo clínico psicoterápico, que se torna hegemônico a partir da década de 1970.

**Título:** MEMÓRIAS DA PSICOLOGIA EM CAMPO GRANDE: UMA HISTÓRIA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA FUCMT (1980-1993)

**Autor(a):** BIANCA DOS SANTOS CARA

**Orientador(a):** RODRIGO LOPES MIRANDA

**Tipo:** DISSERTAÇÃO

**Instituição:** UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

**Resumo:** Este trabalho apresenta memórias da Psicologia em Campo Grande a partir do estudo do curso de graduação em Psicologia das Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT), criado em 1975, com o objetivo de descrever e analisar aspectos da memória de egressas. O recorte temporal compreende os anos de graduação, respectivamente, da primeira a última turma da Instituição (1980 a 1993) antes de sua incorporação à Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). A pesquisa se insere no campo da História da Psicologia e utiliza os conceitos de disciplinarização e memória social, bem como, se apropria de estratégias de História Oral. Foram utilizadas fontes textuais pesquisadas no Conselho Regional de Psicologia – 14ª Região (CRP 14/MS), na UCDB e nos Arquivos Históricos de Campo Grande (ARCA); e fontes orais produzidas por meio de entrevistas com seis egressas do curso de graduação em Psicologia da FUCMT que consentiram, de modo livre e esclarecido, as respectivas participações na pesquisa. A partir da composição da vida acadêmica das egressas em conjunto com as fontes textuais, se pode compreender aspectos do currículo real e do currículo prescrito, as relações com professores e respectivas matérias, como foram operacionalizadas em atividades práticas e leituras. Notou-se a FUCMT competindo para o estabelecimento da Psicologia como disciplina independente em Campo Grande. E se delineou, ainda, um curso de graduação cujo perfil foi desenvolvido por práticas sociais ali circunscritas, a partir do envolvimento do corpo discente e docente. Práticas sociais atreladas à materialização de prerrogativas do governo federal em um currículo idiossincrático. Os resultados da pesquisa apontaram que o curso de graduação da FUCMT foi o principal formador em Psicologia de Campo Grande durante sua existência e sugeriram também, uma proximidade do curso da



FUCMT com o campo biomédico. Por fim, foi possível considerar que as memórias das experiências vivenciadas em local comum, no caso, o curso de graduação em Psicologia da FUCMT, contribuem para escrever uma história que ajuda a construir e preservar uma memória histórica da Psicologia brasileira.

**Título:** O DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO DE PSICOLOGIA CIENTÍFICA EM EDWARD TITCHENER

**Autor(a):** CINTIA FERNANDES MARCELLOS

**Orientador(a):** SAULO DE FREITAS ARAUJO

**Tipo:** TESE

**Instituição:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

**Resumo:** Desenvolvido entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, o projeto de psicologia de Titchener é ainda hoje mal interpretado. Apesar de suas contribuições ao desenvolvimento da psicologia experimental nos EUA, suas ideias foram gradativamente abandonadas após sua morte e seu sistema tornou-se vítima de interpretações parciais, que ignoram aspectos importantes de sua trajetória intelectual. Duas questões centrais sobressaem neste cenário: a relação entre as concepções de Titchener e o empiriocriticismo, e as mudanças em seu projeto psicológico. Partindo da hipótese de que a psicologia de Titchener refletiu as transformações em sua perspectiva filosófica, o presente estudo procurou oferecer, com base em fontes primárias inéditas, uma interpretação abrangente do percurso intelectual do autor, elucidando aspectos até aqui não esclarecidos e que permanecem mal compreendidos na literatura secundária. Para tanto, o trabalho foi dividido em 4 capítulos. Após apresentação do problema e dos procedimentos adotados na pesquisa, que ocupam a introdução, o capítulo 1 trata do contexto formativo de Titchener em Oxford e em Leipzig, com especial atenção para o cenário institucional e intelectual britânico, que exerceu significativa influência sobre o autor. O capítulo 2 apresenta as características da concepção inicial de psicologia de Titchener, identificando a influência de suas convicções originais sobre questões centrais de sua proposta. O capítulo 3 discute a consolidação de seu projeto de psicologia, apresentando o reposicionamento de Titchener em relação à filosofia e seus novos pressupostos. O capítulo 4 trata do desenvolvimento tardio de sua obra e das reinterpretções apresentadas pelo autor em seu projeto. Na conclusão, é retomada a trajetória do projeto de psicologia de Titchener face às

questões centrais do estudo e algumas considerações gerais sobre a natureza do seu trabalho são apresentadas.

**Título:** HISTÓRIA DA PSICOLOGIA JURÍDICA NO BRASIL E NA ARGENTINA: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE ELIEZER SCHNEIDER E PLÁCIDO HORAS

**Autor(a):** MAIRA ALLUCHAM GOULART NAVES TREVISAN VASCONCELLOS

**Orientador(a):** ANA MARIA JACO VILELA

**Tipo:** TESE

**Instituição:** UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

**Resumo:** Esta tese teve como objetivo traçar uma história comparada das trajetórias de Eliezer Schneider (1916-1998) e Plácido Horas (1916-1990) no campo da Psicologia Jurídica, a fim de trazer contribuições para as discussões acerca da constituição e consolidação desta área tanto no Brasil quanto na Argentina. Considerados personagens relevantes na criação dos cursos de Psicologia em seus países, Eliezer Schneider e Plácido Horas trilharam um percurso que os levou a se aproximarem do campo da Psicologia Jurídica, realizando atividades importantes para o desenvolvimento desta área no Brasil e na Argentina. Suas condições de emergência estão nas articulações entre a Psicologia e o Direito. A Criminologia possibilitou estudar a etiologia da criminalidade, o comportamento e a personalidade criminoso. Diante disso, a Psicologia, ao contribuir para a compreensão da personalidade e da conduta criminoso, se tornou uma ferramenta de auxílio à justiça. Os momentos iniciais da Psicologia Jurídica no Brasil e na Argentina se relacionam com a inserção do psicólogo no âmbito jurídico como testólogo ou assistente técnico, realizando atividades de perícia e de diagnóstico. Tanto Schneider quanto Horas exerceram atividades vinculadas à prática pericial. Além disso, após a regulamentação da profissão de psicólogo em ambos os países, sistematizaram a Psicologia Jurídica enquanto disciplina independente nos currículos do curso de Psicologia. Foi possível verificar que Schneider e Horas, apesar de empenharem algumas práticas comuns no campo da Psicologia Jurídica, fizeram uma leitura do crime e do criminoso sustentada em conceitos teóricos com abordagens específicas: Schneider com um saber ancorado nas influências neobehavioristas e na psicologia social e Horas com um saber mais criminológico centrado na capacitação profissional do psicólogo.

**Título:** A CONCEPÇÃO DE PSICOLOGIA NA OBRA INICIAL DE WILLIAM JAMES

**Autor(a):** PABLO VINICIUS MARTINS PACHECO

**Orientador(a):** SAULO DE FREITAS ARAUJO

**Tipo:** DISSERTAÇÃO

**Instituição:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

**Resumo:** A concepção de psicologia de William James (1842-1910) ainda não foi tratada adequadamente tanto no contexto da historiografia da psicologia de uma maneira geral quanto na literatura especializada no autor. Tendo isso em mente, nosso objetivo no presente trabalho é esclarecer esse assunto, em particular no que diz respeito a uma aparente incongruência entre duas atitudes do autor, a primeira delas positivista, baseada no cerebralismo e que considerou temas psicológicos clássicos; e a segunda mais inclusiva, que defendia a adição de novos fenômenos na alçada da psicologia e aceitando implicações metafísicas dos fenômenos excepcionais. Argumentamos que essas duas atitudes fazem parte do desenvolvimento da psicologia jamesiana e refletem seus esforços tanto para consolidar essa nova ciência quanto para expandir seu escopo.

**Título:** A UNIDADE DA PSICOLOGIA NO PENSAMENTO DE CHRISTIAN WOLFF

**Autor(a):** THIAGO CONSTANCIO RIBEIRO PEREIRA

**Orientador(a):** SAULO DE FREITAS ARAUJO

**Tipo:** TESE

**Instituição:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

**Resumo:** O entendimento atual do papel desempenhado pela psicologia do filósofo alemão Christian Wolff (1679-1754) na história da psicologia é problemático, e isto em razão da persistência de algumas questões gerais a seu respeito tanto na historiografia da psicologia quanto na Wolff scholarship. Estas questões são: 1- Qual é a relação entre os escritos psicológicos alemães e latinos de Wolff? 2- Em que consiste a separação wolffiana entre psicologia empírica e racional? 3- Wolff adota uma perspectiva monista ou dualista em sua psicologia? Visando ao avanço do conhecimento a respeito da psicologia de Wolff, e de seu papel na história da psicologia, o presente estudo busca responder a estas questões, lançando mão de três hipóteses: (1) os escritos psicológicos de Wolff constituem uma unidade; (2) o sistema psicológico de Wolff constitui uma unidade; (3) monismo e dualismo constituem uma

unidade na psicologia de Wolff. Após a explicação detalhada na Introdução do problema e dos procedimentos do estudo, nos Capítulos 1 e 2 é desenvolvida uma análise histórico-filosófica dos principais escritos psicológicos alemães e latinos de Wolff. Contrastando os dados desta análise com diversas teses da literatura secundária, no Capítulo 3 é realizada a avaliação das hipóteses. Na Conclusão, são retomadas as questões iniciais do estudo, e estimado o seu valor para a historiografia da psicologia e para a Wolff scholarship

**Título:** DO FLUXO DO PENSAMENTO AO EU SUBLIMINAL: O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA NA PSICOLOGIA DE WILLIAM JAMES

**Autor(a):** ALDIER FELIX HONORATO

**Orientador(a):** SAULO DE FREITAS ARAUJO

**Tipo:** DISSERTAÇÃO

**Instituição:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

**Resumo:** William James é uma figura central na história da psicologia e da filosofia. Muito se destaca seu *The Principles of Psychology* (1890) como um dos maiores trabalhos já realizados na área e a teoria do fluxo do pensamento como sua principal contribuição original ao estudo da consciência. Após 1890, James se dedicou à investigação dos estados alterados da consciência, que culminou com a publicação de *The Varieties of Religious Experience* (1902). Nele encontramos a presença do subconsciente como fundamental para a compreensão do fenômeno religioso. O objetivo do presente trabalho, portanto, é explorar em que medida o eu subliminal se desenvolve na psicologia jamesiana para que possa servir de suporte aos estudos das experiências religiosas. Vimos que o ele surge como possibilidade explicativa durante as investigações dos estados alterados da consciência e dos fenômenos psíquicos, uma vez que a teoria do fluxo da consciência não dava conta de explicá-los.

**Título:** PSICOLOGIA SOCIAL E EDUCAÇÃO NO BRASIL: OS ESTUDOS DE DANTE MOREIRA LEITE SOBRE IDEOLOGIA E PRECONCEITO

**Autor(a):** MARIA AMELIA GULLNITZ ZAMPRONHA

**Orientador(a):** ODAIR SASS

**Tipo:** TESE

**Instituição:** PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

**Resumo:** Esta tese tem como tema o potencial de crítica social do conhecimento científico produzido pela Psicologia. Analisa parte da obra de Dante Moreira Leite, intelectual que exerceu importante papel na história da Psicologia brasileira por meio de sua atuação na regulamentação da profissão de psicólogo, da divulgação da ciência, da tradução de 49 livros de Psicologia, Sociologia, Metodologia da pesquisa social e Educação e como pesquisador de temas de Psicologia e Educação, dentre os quais destacam-se o preconceito, a ideologia e o caráter nacional brasileiro. É importante retomar a sua obra na medida em que o pesquisador analisa e debate temas sociais, políticos, psicológicos e educacionais não superados, que permanecem em discussão. Suas primeiras pesquisas publicadas, em 1950, referem-se à transmissão de valores morais e de preconceito em livros didáticos infantis. Posteriormente, na tese de doutoramento, de 1954, amplia o estudo do preconceito, realizando um estudo acerca do caráter nacional brasileiro, chegando à conclusão de que esse conceito é empregado como ideologia para justificar diferenças sociais e não significa a tomada de consciência da unidade de um povo, mas, sim um obstáculo à formação de um povo livre. Mais de dez anos depois, em 1969, o autor publica um livro, intitulado O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia, em que relata a continuidade que deu a esse estudo, de forma mais ampla e detalhada. O pesquisador verifica as relações entre caráter nacional, etnocentrismo, nacionalismo, preconceito e ideologia. Chega conclusões semelhantes, com a diferença de que, dessa vez, identifica teorias que considera formas de superação da ideologia do caráter nacional. Esses estudos são relevantes porque, realizados em diferentes momentos da trajetória do intelectual, revelam seu desenvolvimento como pesquisador, conforme avança na compreensão dos temas de seu interesse e porque investigam a sociedade brasileira, a forma como é retratada na literatura nacional e o pensamento que caracterizava o desenvolvimento teórico da primeira metade do século XX. Por isso, foram escolhidas como fonte para análise desta pesquisa. O objetivo é identificar como o pesquisador desenvolveu os conceitos de preconceito e ideologia. A hipótese, que foi validada, é que o conceito de ideologia empregado pelo autor limita sua

análise ao âmbito psicológico, sem que a crítica social seja possível. O referencial teórico para a fundamentação da pesquisa e análise é a teoria crítica da sociedade

**Título:** A PSIQUE ENTRE A NATUREZA E A CULTURA EM EDITH STEIN E WILLIAM STERN

**Autor(a):** CAROLINA DE RESENDE DAMAS CARDOSO

**Orientador(a):** MARINA MASSIMI

**Tipo:** TESE

**Instituição:** UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (RIBEIRÃO PRETO)

**Resumo:** Esta pesquisa na linha de investigação de história da psicologia teve por objeto o estudo histórico conceitual de algumas obras de dois autores que se destacaram no contexto alemão do início do século XX: Edith Stein (1891-1942) e William Stern (1871-1938). São elas: Contribuições à fundamentação filosófica da psicologia e das ciências do espírito (1922), de Edith Stein; Psicologia e Personalismo (1917) e Psicologia geral desde o ponto de vista personalístico (1938), de William Stern. Entre os dois autores existem semelhanças no que diz respeito aos tópicos estudados e também uma precisa relação histórica destacada em suas biografias: Stern lecionava psicologia em Breslau e Stein frequentou suas aulas como aluna em 1911-1912. Apesar disso, pesquisas que retomam a relação teórica entre ambos são escassas. O objetivo da pesquisa foi apreender a elaboração do conceito de psique e das relações desta com a natureza e com a cultura nas propostas de psicologia científica que os dois autores formularam nessas obras. Para a análise das mesmas, foi utilizado o método histórico-conceitual: foram utilizadas como fontes primárias as edições em língua alemã, espanhola e inglesa das obras de Edith Stein e de William Stern; fontes secundárias foram utilizadas para o aprofundamento do contexto histórico da filosofia e psicologia alemã da época. As questões que nortearam a pesquisa se referiram a: 1) entender como cada um dos dois autores concebeu o objeto da psicologia na interface entre o mundo natural e o mundo da cultura; 2) evidenciar as semelhanças, as diferenças e as eventuais contribuições que estas perspectivas podem trazer para a psicologia contemporânea. Ao realizarem suas respectivas análises filosóficas e científicas, ambos os autores se colocaram diante do contexto filosófico, psicológico e político da época. Diante de um quadro histórico complexo e diversificado, especialmente na Alemanha, a psicologia recém proclamada ciência ainda buscava firmar-se de acordo com os modelos das ciências experimentais. Pudemos evidenciar possibilidades de diálogo entre a proposta fenomenológica de Edith Stein no que concerne a fundamentação da psicologia científica e

algumas questões epistemológicas que William Stern buscou responder ao longo de sua trajetória intelectual. O ponto principal de encontro entre ambos é a proposta de fundamentação da psicologia a partir do conceito de Pessoa. Se as definições divergem, contudo, o ponto de partida é compartilhado: as preocupações com a redução da ciência da alma ao mecanicismo das ciências da natureza. Edith Stein e William Stern advertem-nos para uma verdade atemporal a respeito dessa ciência: não há como separá-la da filosofia sem reduzi-la, por um lado, ao naturalismo cientificista (representado atualmente pelo campo das neurociências) e, por outros, às ciências humanas (hoje orientadas pelos movimentos pós-estruturalistas relativistas). Somente uma elaboração filosófica (rigorosa) do conceito de Pessoa poderá integrar natureza e cultura sem reduzir uma à outra e, portanto, fornecer à Psicologia uma fundamentação válida e autonomia no diálogo com as demais ciências naturais ou culturais.